

Denise Maria Cogo e Maria Badet Souza

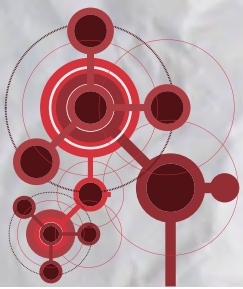
Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores: migrantes do Brasil

Bellaterra: Instituto Humanitas Unisinos; Barcelona: Universidad Autònoma de Barcelona, 2013
E-book - 105 páginas

Resenhado por

Maura Padula

- Doutoranda em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)
- Mestre em Administração pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)
- Especialista em Comunicação e Marketing pelas Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas (Metrocamp)
- Bacharel em Relações Públicas pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)
- Professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp)
- Diretora da Faculdade de Relações Públicas e ex-diretora adjunta do Centro de Linguagem e Comunicação da Puccamp
- Sócia-gerente da MPA Assessoria de Comunicação e Marketing S. C. Ltda.
- E-mail: mpamc@uol.com.br; maurapadula@usp.br



A comunicação como diferencial nos fenômenos das migrações no Brasil

Communication as a differential in the migration phenomena in Brazil

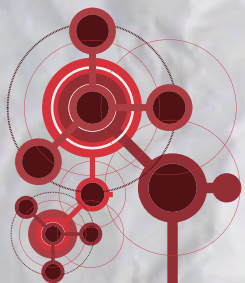
La comunicación como diferencial en los fenómenos de las migraciones en el Brasil

Não é possível dizer que o fenômeno das migrações é algo novo, pois está vinculado à história da humanidade. Entretanto, a partir da globalização, ele assumiu uma especial dimensão e passou a fazer parte da agenda de governos em todo o mundo. Relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) destaca o interesse em se discutir a diversidade, pois em um mundo globalizado, aumentam “os pontos de interação e fricção entre as culturas, originando tensões, fraturas e reivindicações relativamente à identidade, (...) fontes potenciais de conflito”, conforme dizem as autoras (p. 1), citando a p. 15 de *Diálogos interculturais: reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*, obra organizada por Silvia Duarte Dantas (2012).

O debate em torno das questões éticas e políticas decorrentes do encontro entre culturas torna-se cada vez mais fundamental, pois é comum assistirmos, perplexos, a atrocidades em nome de ideias e valores, que violam os mais básicos direitos humanos. Casos de intolerância como o que vimos na Noruega em 2011, que vitimou 69 pessoas, ou, mais recentemente, as ações do grupo autodenominado “Estado Islâmico” são alguns exemplos. Na Noruega, o atirador, que se apresentou como militante anti-islâmico de extrema-direita, culpou o governo pelo ataque, em função de sua política relacionada à imigração.

E, por entender que “os meios de comunicação são espaços privilegiados de construção da visibilidade pública do fenômeno das migrações” (p. 11), um grupo de pesquisadores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Católica de Brasília e Universidad Autònoma de Barcelona, desenvolveu o *Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores: migrantes do Brasil*, uma obra que tem como objetivo central “contribuir com o trabalho de comunicadores na cobertura das novas realidades migratórias”.

Entre as preocupações dos autores, e que justificam a iniciativa do guia, está o fato de que o Brasil voltou a ser um destino para imigração, particularmente depois da crise econômica global, em 2008, que afetou prioritariamente os Estados Unidos e a Europa. Segundo dados do Ministério da Justiça, em 2011 o número de trabalhadores estrangeiros em atividade no Brasil



aumentou 57% em relação ao ano anterior, enquanto houve um decréscimo na emigração de brasileiros para o exterior. Assim, o guia se propõe ampliar as oportunidades de debates sobre as políticas migratórias a partir de “uma perspectiva crítica e construtiva”, bem como fazer a ponte entre a mídia e as entidades especializadas no assunto, para que sirvam de fonte de informação e interação na produção das pautas sobre tema.

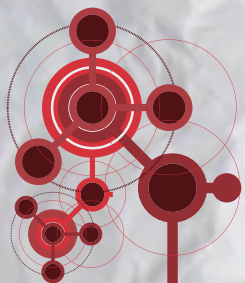
O guia está dividido em seis capítulos. No primeiro, apresenta-se a obra e justifica-se sua importância mediante os dados de crescimento do fenômeno. No capítulo dois, são detalhados os objetivos dos pesquisadores com essa iniciativa. É neste espaço que os autores esclarecem a adoção dos termos migrante – no lugar de imigrante – e migração – em vez de imigração. Para eles, essa mudança “permite enfatizar as dimensões múltiplas tanto de movimento, trânsito e fluidez quanto de temporalidades e motivações que marcam as migrações contemporâneas e que podem variar em função de diferentes fatores políticos, econômicos e sociais” (p. 12).

No capítulo três, “Caracterização das migrações transnacionais”, é apresentado um levantamento histórico, com dados sobre as migrações no mundo, na América Latina e no Brasil. Destaca-se a intensificação das migrações no mundo a partir dos dados da Organização Internacional das Migrações (OIM), que mostram que no ano 2000 havia cerca de 150 milhões de migrantes no mundo. Em 2010, esse número chegou a 214 milhões, o que significa que uma a cada seis pessoas no mundo é migrante. Entretanto, esse número pode ser ainda maior, pois esses dados não contemplam os migrantes internos nem os filhos de migrantes menores de dezoito anos, que ainda não fizeram sua opção de cidadania e, por isso, são considerados estrangeiros. A projeção é que esse número chegue a 405 milhões até 2050.

Mas os dados quantitativos não traduzem a complexidade do fenômeno. As migrações apresentam uma variedade cada vez maior de grupos étnicos e culturais, bem como um número significativo de mulheres que migram de forma independente ou como chefes de famílias, aumentam o número de pessoas que trabalham sem regularização jurídica, além de ter crescido também o número de migrantes temporários e de circulação. Considerando somente os meios oficiais, em 2009, segundo o Banco Mundial, os migrantes movimentaram 414 milhões de dólares em remessas aos seus países de origem, demonstrando a importância desse movimento também para a economia dos países.

O Brasil, depois de ser sido o destino de diversas nacionalidades no final do século XIX até meados do século XX, enfrentou fluxos migratórios de saída nas décadas de 1970 e 1980, esta última chamada de “década perdida” no país. Nessa época, os brasileiros migraram principalmente para os Estados Unidos, Japão e Portugal. Para sair, usaram também as redes familiares dos descendentes, como foi o caso de japoneses e de italianos. A partir de 2008, em função da crise econômica mundial protagonizada pelos Estados Unidos e pela Europa, o índice de saída de brasileiros para o estrangeiro começa a cair e o Brasil volta a ser opção de destino dos migrantes transnacionais, principalmente dos Estados Unidos, do Japão, do Paraguai, de Portugal e da Bolívia. Outro dado que comprova essa tendência é que cresceu 30% o número de pedidos de autorizações para trabalhar no Brasil: em 2009 foram dadas 42.913 autorizações e, em 2011, esse número chegou a 70.524. Até junho de 2012 o número já era DE 32.913, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego.

Atualmente, observa-se uma desaceleração do movimento migratório interno na América Latina e um crescimento na migração dos latino-americanos para os Estados Unidos. O Brasil é o terceiro país em ordem de importância na América Latina como receptor de migração latino-americana. Como tendência, reforça-se a posição do país na modalidade de migração de tipo fronteiriço, no caso dos países do Mercosul, Colômbia e Venezuela; migrações em direção às áreas metropolitanas, como é o caso dos bolivianos e peruanos; e migrações intrarregionais com países não limítrofes, mais especificamente do Chile.



O guia destaca, também, o fluxo de migração dos haitianos para o Brasil, a partir da concessão dos vistos humanitários; os incrementos da presença latino-americana – principalmente de bolivianos – e africana; o aumento da comunidade asiática; o crescimento da presença de refugiados. E ainda oferece dados referentes aos atrativos que europeus e norte-americanos veem no país. É de extrema importância a reflexão que os autores trazem em relação às políticas de migração no Brasil e no mundo, os processos de seleção para fornecer autorizações de entrada e de trabalho. E traz os principais pontos da agenda da luta pela cidadania das migrações, reivindicados pelas organizações migratórias em âmbito nacional e internacional.

O capítulo quatro apresenta um glossário de termos e conceitos relacionados à migração, como apátridas, asilo político, cultura, estrangeiro, etnocentrismo, interculturalidade, migração/migrante, multiculturalismo, refugiados e transnacional/transnacionalismo. Destaca, também, os termos utilizados em referência à nacionalidade e origem dos migrantes. Para cada termo o guia explica e recomenda os cuidados no uso, visando à exposição pública da identidade e imagem dos migrantes e/ou refugiados, ou ainda a necessidade de se esclarecer determinados termos durante as coberturas jornalísticas. No final do capítulo, se apresentam, de forma sintética, os principais números relacionados ao fenômeno das migrações.

As recomendações de tratamento informativo das migrações nos meios de comunicação são a essência do capítulo cinco. Tais recomendações foram organizadas a partir de três perspectivas de abordagem: recomendações de caráter geral, recomendações por temática – trabalho e economia; política migratórias e situação jurídica no país; cultura e ócio; problemas e questões sociais – e recomendações por países e grupos migratórios. Foram usadas, ainda, três cores para enfatizar a temática: azul, como sendo as positivas; laranja, quando se recomenda cuidado com palavras e conceitos; e vermelha, para questões não recomendadas ou que se recomenda o não-uso.

O capítulo seis encerra o guia elencando uma relação de contatos e fontes para mais informações sobre a realidade das migrações e dos migrantes no Brasil que certamente facilitará, e muito, a vida dos profissionais de comunicação e jornalistas que produzem sobre o tema. Oferece os contatos das associações de migrantes e organizações de apoio à migração no Brasil; organizações internacionais que atuam no Brasil; contatos de pesquisadores especialistas em migrações; pesquisadores em outros países; bases de dados, *sites*, blogues e listas de grupos de pesquisa; instituições governamentais e estatais que atuam no âmbito das migrações; documentos, relatórios, manifestos e cartilhas de referência sobre as migrações; contatos de mídias e *sites* de redes sociais de migrantes no Brasil; revistas sobre migrações; políticas migratórias; e a relação de publicações de pesquisadores brasileiros sobre as migrações.

Assim, em um mundo que se diz contemporâneo, no qual a tecnologia de comunicação e as facilidades de deslocamento nos colocam próximos uns dos outros, ainda assistimos a barbáries fruto de fundamentalismos nacionalistas e à violação política descarada à liberdade de povos e culturas. O *Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores* é uma verdadeira luz que deverá contribuir com uma comunicação assertiva e bem orientada do fenômeno das migrações, e certamente ajudará na luta pela cidadania e pelos direitos dessas pessoas.